



INFLUÊNCIA DO OUTRO NA CONSTRUÇÃO DO OLHAR: CABELO CRESPO, INFÂNCIA E GÊNERO E RAÇA

Aline de Oliveira Braga¹

Maria Alice Rezende Gonçalves²

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir, por meio do filme *Pelo Malo* (2014), experiências que envolvem o corpo negro, dando destaque ao cabelo crespo, tema central da trama. Trata-se do movimento de uma criança de alisar os seus cabelos e, a partir desse procedimento capilar, se tornar “bonito” para uma foto escolar e a realização do desejo de ser um cantor famoso. Esse procedimento capilar suscita uma série de dilemas que conduzem ao questionamento do padrão de beleza identificado precocemente em um corpo infantil e do discurso sobre gênero e raça imposto pela sociedade e reproduzido pela família na socialização da criança.

Palavras-chaves: Cabelo crespo. Beleza. Gênero. Infância. Raça.

THE INFLUENCE OF THE OTHER IN THE CONSTRUCTION OF THE LOOK: CURLY HAIR, CHILDHOOD, GENDER AND RACE

Abstract: The purpose of this article is to discuss, through the film *Pelo Malo* (2014), experiences involving the black body while highlighting curly hair, which is the central theme of the story. It is the willingness of a child to straighten his hair and, from then on, become “beautiful” for a school photo and achieve to be famous. This hair treatment raises a series of dilemmas that lead to the questioning of beauty patterns identified early in a child's life and the argument about gender and race imposed by society and reproduced by the family in the child's socialization.

Keywords: Curly hair. Beauty. Gender. Childhood. Race.

¹ Mestra em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da rede de ensino do município do Rio de Janeiro. E-mail: alineoliveira-18@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9123-1442>

² Doutora em Saúde Coletiva pela UERJ. Atualmente é professora associada da UERJ, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da FEBF/UERJ, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UERJ. E-mail: marialicerezende@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0108-0674>



INFLUENCIA DEL OTRO EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA MIRADA: CABELLO RIZADO, INFANCIA, GÉNERO Y RAZA

Resumen: El propósito de este artículo es discutir, a través de la película *Pelo Malo* (2014), experiencias relacionadas con el cuerpo negro, destacando el cabello rizado, el tema central de la trama. La película trata del movimiento de un niño para alisarse su cabello y, a partir de este procedimiento capilar, convertirse en "hermoso" para una foto de la escuela y cumplir el deseo de hacerse un famoso cantante. Este procedimiento capilar plantea una serie de dilemas que conducen al cuestionamiento del patrón de belleza identificado tempranamente en el cuerpo de un niño. Además, al discurso sobre género y raza impuesto por la sociedad y reproducido por la familia en la socialización del niño.

Palabras clave: Cabello rizado. Belleza. Género. Infancia. Raza.

L'INFLUENCE DE L'AUTRE DANS LA CONSTRUCTION DU REGARD: CHEVEUX BOUCLÉS, L' ENFANCE, GENRE ET RACE

Résumé: Le but de cet article est discuter, à travers le film *Pelo Malo* (2014), des expériences impliquant le corps noir, mettant en valeur les cheveux bouclés, thème central de l'intrigue. C'est le mouvement d'un enfant pour se lisser les cheveux et, dès lors, devenir «beau» pour une photo d'école et le desir de devenir un chanteur célèbre. Cette décision soulève une série de dilemmes qui conduisent à s'interroger sur le modèle de beauté identifié précocement dans le corps de l'enfant et le discours sur le genre et la race imposés par la société et reproduite par la famille dans la socialisation de l'enfant.

Mots-clés: Cheveux bouclés. Beauté. Genre. Enfance. Race.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca repensar e discutir questões suscitadas pela produção cinematográfica venezuelana *Pelo Malo*, que significa “cabelo ruim”. Tal tarefa demanda nos situarmos em uma realidade que, embora seja diferente da brasileira, conserva em sua estrutura social pensamentos coletivos que lembram os nossos problemas raciais. A pesquisa sobre a importância de reescrever nossa história racial, iniciando pela primeira infância, dialoga com outros territórios e outras maneiras de ser criança e de viver essa infância.

Sendo assim, é importante pensar criticamente essas filmografias, pois são indicativos do pensamento da sociedade, de suas questões, de sua organização, silêncios e práticas racistas que constituem uma herança opressora para as crianças que têm esses discursos repercutidos em suas memórias, em seus corpos, promovendo o desejo de



embranquecimento. A produção de 2014, dirigida por Mariana Rondón, narra a história de um menino chamado Júnior, que sonha em se tornar cantor e dançarino e, para isso, alisa seus cabelos. Segundo as ideias sociais projetadas em sua identidade enquanto negro, o alisamento era sinônimo de beleza. O filme discorre também sobre a discriminação sofrida por sua melhor amiga que não se encaixava nos padrões corporais vigentes para se tornar modelo, pois é uma garota com corpo acima do peso estabelecido socialmente como um “corpo ideal”. A complexidade do filme é retratada nas muitas cenas em que o personagem central se olha no espelho, iniciando os processos de alisamento com a expectativa de outra aparência.

Desse modo, discutimos a questão racial em *Pelo Malo* em três seções: a primeira versa sobre a apresentação da trama, seus personagens e as vivências a serem desenvolvidas no texto. A segunda discorre sobre o racismo e os desejos de alisamento do personagem principal, em decorrência dos impactos sofridos pelo racismo estrutural. Nesse bojo, apresentamos na segunda parte as representações sociais que a linguagem cinematográfica nos permite conhecer. Na última seção, refletimos sobre gênero e raça, pois o personagem principal sofre pressões familiares para ter o seu comportamento modificado, segundo as regras da sociedade patriarcal.

APRESENTANDO PELO MALO

A história trata de uma série de questões políticas e sociais da Venezuela, entre elas o lugar que a aparência ocupa na sociedade e o futuro construído a partir dos padrões demarcados como aceitáveis. As ações de Junior – um garoto de 9 anos de idade – e sua vizinha com a mesma idade giram em torno dos sonhos deles: de se tornar um cantor bonito e famoso; e se candidatar a um concurso de beleza e se tornar *miss*, respectivamente. Para tanto, os dois acreditam ser necessário alterar, de alguma maneira, suas aparências.

Os personagens simbolizam os estereótipos que não possuem aceitação social, uma vez que escapam dos modelos de beleza impostos como universais. O cabelo e o corpo possuem significados culturais, políticos, estéticos e identitários que expressam ancestralidade, historicidade e representatividade no âmbito da cultura. Assim, *Pelo Malo* demonstra como a diferença é enfatizada pela sociedade como algo a ser alterado para



que se conquistam possibilidades de aceitação e mobilidade social. Para Fanon (2008, p. 128), uma “criança negra normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco.”

As cenas da ficção escancaram os conflitos com a aparência, que permeiam a infância e promovem a rejeição do sujeito à sua própria imagem. Os personagens infantis vivenciam questões em torno de suas características estéticas e de como gostariam de ser.

Num ambiente carente de estímulos positivos, ambos se inspiram nos programas televisivos a partir da solicitação da escola de fotos deles para o novo ano letivo. Os dois vão até o fotógrafo que os mostra uma série de opções de fotos temáticas, como jogador de futebol e *miss*. A possibilidade de serem fotografados como bonitos e com profissões bem-sucedidas os impulsiona a sonharem com mudanças em sua aparência. A ideia das crianças é o alcance da fama através da mudança de visual, ou seja, novas roupas para a menina e o cabelo alisado para Junior proporcionaria possibilidades de ocuparem outros lugares.

A menina procura belos vestidos para se adequar à condição de *miss* na foto da escola, enquanto o menino elege os cabelos como principal característica de seu corpo a ser transformada. A criança de cabelos crespos e pele negra passa a construir o desejo de alisar os cabelos, rotulado pela sociedade como “ruim”. Os debates e anseios em torno da estética conduzem as conversas dos personagens e demonstram a dimensão dos conflitos em busca da aparência valorizada socialmente. O cabelo, símbolo da identidade étnico-racial, assume através dos olhares e inquietações de Júnior um ponto a ser modificado.

Em meio a essa complexidade, situa-se a presença de uma terceira personagem, que promete ajudá-lo a alisar os cabelos para que ele se torne um cantor famoso, bonito e tenha aceitação social por meio de uma estética vista como bonita. Nesses passos, o menino encontra na avó paterna – Carmem, uma mulher negra – acolhimento para suas realizações. Diferentemente de sua mãe, Marta (uma mulher branca), a avó busca ajudá-lo em seus sonhos de se tornar um cantor famoso por meio do alisamento capilar. Isso indica uma tentativa de conquistar o neto. A trama é marcada pelos dois dançando a música *Mi limon, mi limonero*, cantada por Henry Stephen. Ambos demonstram alegria e a criança imagina-se tirando a foto da escola, fantasiado, e sendo um grande cantor.

Durante os períodos em sua casa, a criança tinha os cabelos escovados. Júnior vivia o conflito de ter cabelos crespos e se reportar ao desejo de ter sua aparência alterada



através das escovas feitas por sua avó. Além do alisamento, outros procedimentos foram usados pelo próprio menino, com substâncias como óleo e maionese. As tentativas de manipulação do cabelo e o desejo de um traje que ele acreditava ser próprio dos cantores de sucesso assustavam sua mãe, que colocava a masculinidade do filho em dúvida.

No momento em que as crianças tiraram a foto da escola, a menina está vestida de *miss* e Júnior aparece sem os cabelos alisados. Durante o trajeto, ela é ridicularizada pelas crianças que jogam bola na rua, chamando-a de gorda. O próprio Júnior fez uma piada sobre a aparência da amiga, considerada “fora dos padrões de beleza”. Em um país onde há grandes concursos de *miss*, o seu corpo encontra-se fora dos padrões de beleza, numa condição diminuída pelos rituais criados para as mulheres do lugar. Assim, desde a infância, pressupõe que o feminino deve ocupar-se de reproduzir uma aparência julgada bela para disputar esses concursos, e o belo é ser magra.

A cena de Júnior olhando-se no espelho revela a tristeza da criança em aparecer na fotografia com os cabelos crespos e evidencia o sentimento de rejeição que o impulsionava a intervir sobre seus cabelos.

A produção de representações negativas a respeito dos aspectos físicos que fogem dos padrões dominantes de beleza assume sentido e significação no subjetivo do indivíduo, expressando-se em seus comportamentos e conceitos de si. No processo de formação identitária, a visão do outro é capaz de interferir na visão que temos de nós mesmos. Dessa forma, é possível perceber como os padrões eurocêtricos reforçados pela mídia atuam no imaginário social, afetando o modo de ser e estar no mundo. As crianças da história de *Pelo Malo* são frutos desses conceitos hegemônicos difundidos nas propagandas, e na visão do outro, que culminam no sentimento de inferioridade e de baixa autoestima.

O MENINO DE CABELOS CRESPOS

A trama envolve o encontro de Júnior, um menino de 9 anos de idade, pobre, negro, morador de um conjunto habitacional popular e sua vizinha, uma menina branca, que estava acima do peso considerado ideal – algo importante de destacarmos é que essa personagem não recebe um nome na trama. A ideia de beleza única e de precisar ser como o outro para atingir a fama conduz um menino negro a rotinas diárias em sua casa a fim de desenvolver planos para ter cabelos lisos, pois esse era o símbolo de prestígio



representado na televisão de seu país. Além disso, o ano letivo iria começar e o menino queria tirar a foto da escola com os cabelos lisos e fantasia de cantor.

A mãe dele trabalha como vigilante, e pouco o compreende, manifestando contrariedade ao seu desejo, que julgava ser inadequado para alguém do sexo masculino. Ambos moravam com o irmão menor, ainda bebê, em uma favela na região periférica da Venezuela. Júnior contava com avó para alisar os seus cabelos. Ela parecia entendê-lo e manifesta o desejo de criar a criança. A trama tem muitos conflitos relacionados a questões de gênero, de classe e raça, sendo esta última o foco de nossas reflexões neste texto.

O filme *Pelo Malo* dialoga em grande profundidade com a realidade brasileira, pois muitas crianças desejam ter cabelos lisos, querem embranquecer porque carregam da ideia de que a boniteza está ligada a esse perfil. A linguagem do filme venezuelano nos leva a rememorar a infância, o lugar do cabelo crespo na cultura dessa infância. Nesta fase da vida, o racismo já produz o início de uma constante luta entre aquilo que somos e o que deveríamos ser na sociedade. Enunciam-se as hierarquias de poder, ditadoras de um silenciamento que dói, marca, rompe, alimentando-nos de condições de sub-representação, condições essas de ocupantes do não lugar.

No cenário contemporâneo, ainda estamos diante do racismo que debilita suas vítimas, pois desvaloriza sua linguagem, cultura, técnicas, fenótipo, sujeitando as minorias ao massacre psicológico. Conforme Almeida (2018, p. 25):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem.

O racismo é estruturador da sociedade, podendo ser traduzido como um sofisticado sistema de dominação que privilegia apenas pessoas brancas, o que gera relações raciais desiguais. Nesse contexto, nasce a ideia de alisar os cabelos para que estes se tornem bonitos, pois o ideal de beleza se encontra no padrão branco europeu. Os traços, a cor da pele, os cabelos crespos da pessoa negra são vistos como símbolos de fealdade. As opressões estruturais contra os marcadores de identidade conduzem gerações inteiras aos processos de alisamento. Os rituais de alisamento são realizados com pente quente, produtos químicos, pranchas alisadoras que queimam o couro cabeludo, deixando marcas físicas e emocionais. Atualmente ressignificamos nossos corpos, as raízes antes escondidas são exibidas, pois o cabelo natural vem de um povo que não tem uma única

história: a da escravidão. O nosso corpo é livre em África, criador e recriador de culturas, tecnologias e saberes ancestrais, dotados de contornos diferentes, que em sua diferença possui a beleza negra. E deve ser livre em qualquer território.

A colonização dos cabelos crespos representa uma tentativa de apagamento da identidade negra, vistos historicamente como não aceitáveis. A existência de um único modo de ser bonito já é percebido precocemente pelas crianças³, assim como é percebido pelo menino Júnior, protagonista do filme. Segundo Machado (2012, p. 220):

Na mídia brasileira, majoritariamente, o modelo de ser humano branco é exaustivamente exposto como representante universal da espécie humana, mesmo que algumas obras apresentem os afro-brasileiros de forma menos estereotipada e com possibilidades de ascensão social. Na dimensão dos estudos de audiência, o receptor é importante para o processo comunicacional, uma vez que reelabora as mensagens para além da mídia. No entanto, é na vida cotidiana do receptor que os discursos midiáticos ganham sentido.

O modelo de beleza marca o processo de colonização dos nossos corpos, pois impõe uma estética que sustenta a ideia de cabelos iguais, peles iguais, formatos iguais para serem classificados como corpos relevantes. No caso brasileiro, por exemplo, quanto mais claro o tom da pele, mais valorizado é o sujeito nos espaços sociais, mas embora haja concessões, o racismo não deixa de existir. A possibilidade de mobilidade propicia o desejo de embranquecimento. Os estudos de Oracy Nogueira (1985 apud TEIXEIRA; BELTRÃO; SUGAHARA, 2013, p. 102) tratam sobre o “preconceito de marca e o preconceito de origem”, termo utilizado pelo autor para retratar as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos: “No Brasil, o preconceito seria predominante ‘de marca’ por oposição a um preconceito que seria predominante de origem, como nos Estados Unidos da América.” Os autores que citam Nogueira sugerem que a categoria cor/raça utilizada na *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* (Pnad) demonstrou que a marca é importante ao se falar dos outros; para falar de si são usados critérios de origem. No caso brasileiro, as marcas fenotípicas que indicam o passado racial são vistas como atributos negativos, ou seja, quanto mais a pessoa se aproxima de uma estética negra, mais preconceito ela sofre. Nesse sentido, a cor e as marcas físicas da construção ideológica do racismo são naturalizadas em nossa sociedade como símbolos de inferioridade.

³ Existem experimentos feitos com crianças negras, utilizando bonecas brancas e negras sobre as percepções da infância a respeito do fenótipo e qualidade das bonecas. A intervenção foi gravada e circula na internet, mostrando como crianças negras atribuem beleza e positividade a bonecas brancas, e feiura e negatividades a bonecas pretas, que representam a sua própria cor. Um dos vídeos está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDO3RrxmCeQ>. Acesso em: 31 jul. 2020.



A cor clara, associada à manipulação do cabelo, auxilia na existência de uma aparência considerada superior. A lida com os cabelos crespos e com a aparência está projetada na ideia de ser como as pessoas brancas. Diante disso, a pessoa negra se expropria de si para caber no mundo do outro. A história de Júnior, que precisava de cabelos lisos para ser um cantor e dançarino famoso articula-se ao que ele entende como símbolo de prestígio. Segundo Mauss (2017, p. 428):

Tudo em nós todos é imposto. Estou conferenciando convosco; vedes isso em minha postura sentada e em minha voz, e me escutais sentados e em silêncio. Temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. Assim, atribuiremos valores diferentes ao fato de olhar fixamente: símbolo de cortesia no exército, de descortesia na vida corrente.

Os adultos, como também as crianças, adotam para si noções e costumes que são bem vistos pela sociedade. Existe, para isso, uma educação corporal desenvolvida por meio de técnicas, que consiste na reelaboração e reprodução do que é utilizado, seguido por “todos”. Diante disso, podemos perceber a construção de relações raciais que adquirem posições na sociedade, capazes de subalternizar a diversidade étnica por meio da construção de um mundo estereotipado. Esse mundo carrega imagens e símbolos que adentram no imaginário do povo negro, das crianças, fazendo-as perseguir ideias de beleza, de cabelos e imagens legitimadas. Para que esse movimento acontecesse com sucesso nas sociedades vítimas da colonização foi necessário promover o massacre do outro em todos os sentidos; retirando a sua humanidade, o sujeito era condicionado a objeto do europeu. Nessas formas de dominação, busca-se apropriar-se da voz do dominado, impondo a língua e o silenciamento por meio da imposição de única cultura e da criação de estereótipos sobre o povo negro.

Nesse contexto, abrigam-se olhares que convergem para a superioridade branca (europeia), reforçando sempre a origem do negro como exótico e passível de mudança, enquanto a do outro é fonte de poder e centro dos saberes da criação e do que deve ser aprendido na escola, na religião e nos demais espaços da sociedade.

Cabe ressaltar que a experiência cotidiana de uma criança negra numa favela proporciona-lhe vivências em que ela se depara com a violência, com a ausência de oportunidades e falta de espaço em sua casa, causando desconforto e falta de privacidade, por exemplo. A compreensão do garoto sobre como o mundo pode operar de forma positiva a seu favor concentra-se na fama, na sua imagem, ou seja, nas possibilidades que a beleza e uma identidade diferente da sua poderia acarretar a sua vida. Júnior fala sobre



sua imagem e como se enxerga com sua amiga e juntos tecem muitos diálogos sobre como é ser diferente num país/sociedade onde é preciso ser de determinado modo para ser aceito, ser bonito e fazer sucesso. A trama ressalta como a avó utiliza a complexidade que atravessa a criança para tê-lo ao seu lado, enquanto a mãe não compreende sua fixação pelo alisamento e se sente confusa, pois entende o alisamento como algo relacionado ao corpo feminino.

Na história, a criança é submetida a violências que trazem impactos à sua construção identitária, uma vez que no âmbito familiar suas características não são entendidas pela mãe. Desde já, reflete-se nessa ausência de entendimento as intersecções de raça e gênero se cruzando, uma vez que nas visões gerais um menino negro não deveria preocupar-se em realizar procedimentos capilares. Para Creshaw (2002, p. 173):

As mulheres podem às vezes vivenciar discriminações e outros abusos dos direitos humanos de uma maneira diferente dos homens, o imperativo de incorporação do gênero põe em destaque as formas pelas quais homens e mulheres são diferentemente afetados pela discriminação racial e por outras intolerâncias correlatas. Portanto, a incorporação do gênero, no contexto da análise do racismo, não apenas traz à tona a discriminação racial contra as mulheres, mas também permite um entendimento mais profundo das formas específicas pelas quais o gênero configura a discriminação também enfrentada pelos homens.

O gênero é um dos marcadores sociais, assim como a raça. Ao se cruzarem, produzem hierarquias, criam no coletivo desigualdades, vulnerabilidade social que são historicamente lançadas à população negra. O panorama do filme nos chama atenção para os corpos masculinos que são alvos das experiências de dor e sofrimento geradas pelas opressões raciais.

REPRESENTATIVIDADE

A linguagem cinematográfica é uma das formas possíveis de se conhecer a realidade sociocultural de um povo. O cinema retrata em suas narrativas os vestígios de várias épocas. Desse modo, por meio da ficção, questões ainda muito presentes no cotidiano dos países latino-americanos são abordadas. Nesse caso, o filme trouxe para o público os dilemas presentes na construção da imagem do negro em uma sociedade racista. A pessoa negra continua sendo sub-representada, em um cenário, permeado pela exclusão e pelas delimitações de espaços de transição, pois ainda não circulamos em todos os espaços em decorrência do racismo.



Em *Pelo Malo*, conhecemos as representações sociais que ainda se fazem presentes nos repertórios das nossas crianças, como também dos adultos. Para além do significado da palavra “representar”, devemos nos ater ao significado da palavra “pertencimento”, ou seja: estar vinculado ao mundo de outra maneira. E esse corpo social é constantemente visto como exótico, pois nessa visão tem-se uma intencionalidade política de promover a manutenção de determinado *status quo*. A sociedade produz a gramática da beleza sobre os corpos desejados ainda associados à estética da branquitude. Segundo hooks (2019, p. 296):

É claro, tudo mudou. Agora muitas pessoas negras vivem “em meio aos fantasmas” e nunca se viram separadas da branquitude. Eles não conhecem essa coisa que chamamos de “diferença”. Sistemas de dominação, imperialismos, colonialismo e racismo coagem ativamente as pessoas negras a internalizarem percepções negativas da negritude, a se auto-odiarem.

Sendo assim, o corpo negro possui experiências estéticas relacionadas à imagem do outro como bela. Na medida em que se ampliam os laços sociais, a imagem do outro passa a ser direção de território, de linguagem e pensamento, que se ativam pelas tensas relações raciais construídas pelo racismo. Essa tensão é um processo que ocorre na infância, período aberto para grandes possibilidades de escrever novas histórias a partir de invocação de memórias contra-hegemônicas. Essas memórias devem ter no seu interior referências positivas sobre ser negro, em contraposição às muitas ausências que encontramos no meio midiático.

Ao apresentar os negros como símbolo de delinquência, ocupando papéis sempre ligados à subordinação social, a mídia também opera no reforço e reprodução do racismo. A repetição das imagens ocorre cotidianamente dentro da casa de muitos brasileiros, ocupando, portanto, um lugar central da sociedade. Ao analisarmos a representação social do corpo negro, vemos que ainda ocupamos o lugar de desvantagem nas instituições sociais. Ao mundo ainda são exibidos os nossos valores de modo folclorizado e, assim, a alma negra é apropriada pelo branco que nos oferece sua máscara. A infância sempre (re)visita os filmes, os desenhos, a TV e os livros e nesses encontros percebe e assimila o que é socialmente valorizado e elencado nos critérios de valor como bonito e bem-sucedido. É nesse ambiente que a maioria das crianças negras se depara com a expressão do racismo.

Desse modo, cortar o cabelo e alisá-lo expressa a maneira que muitos negros encontram para fugir da desvalorização. Esse momento desencadeia o estalar dos danos



psíquicos e o encarceramento do corpo. As imagens têm uma forte função ideológica, pois se constituem um veículo de transmissão de mensagens que podem contribuir para o assentamento do racismo. Sendo assim, somos convidados a refletir sobre a presença do colonialismo: “Na verdade, muitas das afirmações escandalosamente racistas que são discutidas nos meios de comunicação não são nada menos que retornos a certos discursos colonialistas.” (STAM; SHOHAT, 2006, p. 290). As colocações que assistimos sobre a superioridade branca em detrimento do negro estão presentes nas imagens, nas mídias, nas músicas que são encarregadas de diluir o preconceito.

Dessa forma, é preciso atentarmos para a ideia do racismo como um sistema que permeia todas as instituições, exigindo uma pedagogia antirracista. As referências positivas são fundamentais para o resgate da autoestima do negro e para o combate ao racismo, pois contribuem para a resistência e a descolonização cultural.

Nesse bojo, é preciso ressaltar que o racismo conceitua o branco como norma. Ele opera em nível estrutural, privilegiando sujeitos brancos, racializando outros grupos. Para Mbembe (2018, p. 194), “o potentado colonial se reproduz, assim, de várias maneiras. Primeiro, inventando o colonizado: Foi colono que fez e continua a fazer o colonizado.” No seio dessa estrutura racista encontram-se os múltiplos espelhos para a elaboração de olhares sobre si que produzem a ideia de inexistência. Em torno desse sentimento se expressam olhares forjados na configuração de que o negro é invenção do branco. Nesse contexto, os negros são convidados a cumprir os papéis que lhes são delegados pelos setores mais favorecidos da sociedade, os quais, por meio de sua estrutura racista, criam modos de reproduzir nos espaços midiáticos a visão do colonizador sobre o colonizado. A dominação psíquica promove no negro o sentimento de inferioridade, pois ele é desqualificado e tem suas potencialidades invisibilizadas pelos mecanismos da dominação. Desse modo, vemos no espelho da sociedade a manifestação dos discursos racistas em que o negro é retratado como um sujeito ausente de si; todas as suas referências se encontram no projeto europeu que mapeia a realidade histórica a partir da supremacia branca, advinda do colonialismo.

Nesse sentido, o racismo conduz o negro a projetar-se no corpo branco, o que afeta a sua emocionalidade, pois ter os cabelos lisos e o tom de pele mais claro significam possibilidades de mobilidade na vida social e fuga dos lugares socialmente demarcados. O meio urbano é um espaço social que concentra a diversidade, mas ser diferente



fenotipicamente e culturalmente do outro com quem convivemos ainda é visto/tratado como símbolo de inferioridade racial.

A maioria das crianças negras convive com o desejo de possuir cabelos lisos em decorrência da valorização de uma estética branca em detrimento da negra. Esse desejo é materializado por meio de falas, olhares e situações, a ponto de as crianças negras demonstrarem desejo de ter a aparência embranquecida, ou seja, o fenótipo europeu.

GÊNERO E RAÇA EM PELO MALO

Na produção venezuelana, Mariana Rondon nos convida a analisar a vulnerabilidade que marca os corpos negros expostos a padrões de beleza, a precariedade social e econômica, agressões que avançam também na direção da construção das chamadas masculinidades negras. Segundo hooks (2019, p. 172), “Numa comunidade negra tradicional, quando alguém diz a um rapaz crescido ‘seja homem’, está convocando-o a perseguir uma identidade masculina enraizada no ideal patriarcal.” Pensar o homem negro aciona a ideia de modelos criados durante a infância no espaço familiar e na comunidade de origem, onde o falocentrismo e o patriarcalismo orientam o que é ser um “homem de verdade”. Nessa perspectiva, a sociedade constrói historicamente os padrões normativos pelos quais a mãe de Júnior deve guiar-se para definir na criança uma masculinidade negra e heterossexual, desvinculada de seus desejos por aparência e intervenções nos cabelos, em um contexto demarcado pela pobreza e ausência de estruturas governamentais.

A cidade é vista e descrita pelo olhar de um menino que apresenta os lugares, buscando significar o ser criança, produtora de sonhos, daquela cultura local. Embora a cidade tenha inúmeras questões de ordem social e racial, nesse entorno se dão as possibilidades do sensível, como também da dureza. A trama nos indica uma relação de não proximidade com a mãe e uma necessidade da criança de recuperar, de alguma maneira, a atenção dela. Ele sempre busca tê-la por perto, mas ela só oferece carinhos ao irmão mais novo. O olhar da mãe para o filho mais velho é embasado em restrições. Seu caminho é atravessado pelo desemprego, e ela precisa fazer faxinas para manter os filhos e a casa. Além disso, mantém relações sexuais com o antigo patrão, na tentativa de obter o trabalho de vigilante novamente.



Na existência de Marta há uma série de complexidades fixadas por sua condição de mulher e mãe em uma sociedade machista, elitista. Ela é vítima de uma sociedade em que os homens a enxergam como um corpo e o sistema de trabalho não lhe oferece opções, em decorrência da ausência de formação, o que representa para ela (e para muitas mulheres) falta de mobilidade e manutenção da pobreza. Para Bourdieu (2019, p. 64): “Os dominados aplicam categorias do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as serem vistas como naturais.” Sendo assim, podemos historicamente observar que o tratamento das mães muitas vezes assume a intencionalidade de gerar o padrão patriarcal nos meninos. Os conceitos que sustentam essa visão vão ao encontro da ideia de que homem não pode chorar, não pode ser sensível. As narrativas-mestras sobre masculinidades habitam imagens midiáticas, o senso comum e as músicas.

A misoginia que é reproduzida por algumas mulheres durante o processo de educação de seus filhos é oriunda de uma categoria geracional, orientada por uma ficção regulatória do sexo biológico. Elas desejam que seus filhos se orientem pelo sexo de nascimento, definido a partir da biologia: feminino ou masculino, independentemente da identidade de gênero com a qual se identificam durante a vida, no decorrer de suas construções sociais como homens ou mulheres. O apoio ao patriarcado alimenta um impacto negativo na vida dos meninos que crescem em busca da construção de ser homem, de acordo com as regras sociais impostas pela educação recebida. A instauração do que é ser homem passa pela identidade. Segundo Hall (2006, p. 17):

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeitos” isto é, identidades para os indivíduos. Se tais identidades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas por que seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados.

As identidades são abertas, mutáveis, não são fixas, são negociáveis e mudam de acordo com sua representação. As ações de Marta tentam definir o filho em uma única identidade, socializando-o com base em um modelo que regula, hierarquiza e controla as diferenças identitárias, promovendo a homogeneidade do outro. A condição de ser uma criança negra com narrativas embranquecidas demarca os confrontos vividos em torno de uma existência dominada pelos ideais de uma sociedade que visa subalternizar os corpos negros. A personificação dos desejos da mãe é apresentada nos vários momentos em que a criança se olha no espelho com tristeza, sentindo-se subjugada pelos desejos de sua mãe



que, no filme, consegue retomar o trabalho como segurança. Em uma sociedade demarcada por uma profunda desigualdade, os significados de ser uma criança negra, fruto de uma relação inter-racial, provocam no personagem opressões que elaboram o seu estar no mundo.

Essa dimensão não pode ser separada de todo o contexto da produção, pois o racismo é o estruturador político, social, cultural e econômico do projeto de sociedade. Nessa perspectiva, o cabelo liso é visto como sinônimo de beleza e prestígio por Júnior, e aliado a isso estão os discursos afirmativos de sua mãe sobre sua relação com a aparência, vista por ela com desconfiança.

No caso brasileiro, muitas crianças têm seus cabelos alisados precocemente, sendo condicionadas diversas vezes pela família, ainda na primeira infância. Isso evidencia que habitar corpos negros significa viver um processo lento de autodefinição, em que a identidade só se tornará negra dentro de uma construção sobre o corpo, pois existe um desenvolvimento histórico construído no movimento de descolonização⁴, visto que o colonizador nos desautorizou como humanos, negando nossa existência, promovendo nossa invisibilidade enquanto povo. É importante pontuar que a visibilidade congrega saberes epistêmicos, religiosos, culturais, econômicos e cosmovisões. A realidade vivida pelo povo venezuelano e pelo povo brasileiro ainda é fixada em uma estrutura eurocêntrica-colonial presente no repertório dos personagens, nas imagens, e nas condições precarizadas de existência. De acordo com Dias (2008, p. 205): “A menina negra é vista como a ‘descabelada’ ou a de ‘cabelo de fuá’, e o menino é o ‘careca’. Estar nessa condição é desconfortável, em qualquer fase de nossas vidas, imaginem aos dois, três, quatro, cinco ou seis anos.”

No final do filme, as exigências da mãe de Júnior vencem e ele raspa os cabelos, recorrendo a práticas de ocultamento de suas raízes. O momento em que ele está triste na escola, sem seus cabelos (cacheados ou lisos), marca uma cena muito forte do estatuto da liberdade identitária. A raspagem dos cabelos crespos não significa para os meninos apenas um simples corte, essa ação nos abre uma série de questões identitárias, pois vigoraram e ainda vigoram falas e olhares sobre corpos e cabelos do povo negro. Ao se invisibilizar os fios, as raízes dos cabelos, estão sendo escondidas histórias, origens, um

⁴ No Brasil, o racismo é crime inafiançável e os movimentos negros buscam apontar e discutir o racismo institucional e as suas formas sutis de atuação. Opera-se dentro dos movimentos a ideia de conscientização política de nós, negros, sobre os mecanismos de racismo enraizados em nossa sociedade.



passado em comum, memórias de ligação com a África. Por meio do estilo “careca”, as crianças adotam um lugar-comum onde não haveria possibilidade de tensões, em virtude de seus cabelos naturais. No imaginário popular o cabelo crespo ainda é associado ao desleixo. Os discursos atuais revelam o quanto é necessário refletirmos sobre a estética como ato político. O cabelo crespo é um símbolo importante na construção de uma identidade positiva do negro. A representatividade positiva, portanto, constitui-se como um importante alicerce das lutas e resistências culturais travadas pela pessoa negra diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diálogos em torno dos cabelos crespos de Júnior e da multiplicidade de questões que surgiram sobre de sua aparência, como padrões de beleza, masculinidade negra, desigualdade social de seu país lembram muitas questões sociais brasileiras.

O cabelo crespo é um símbolo importante na construção de uma identidade do negro. A representatividade, portanto, constitui-se como um importante alicerce das lutas e resistências culturais travadas pela pessoa negra diariamente. O cabelo crespo guarda histórias e, muitas vezes, tentativas de apagamento devido às referências vindas de uma cultura eurocêntrica, que pensa o corpo negro como inferior. Tais visões criam ideias do que é símbolo de beleza e prestígio na sociedade. Além disso, os códigos criados para se embranquecer estão comumente ligados a práticas de alisamento e são alimentados pela mídia.

O retrato da masculinidade também adquire na trama construções tensas relacionadas ao corpo, à aparência, ligando-se aos desejos de uma criança pela construção de uma outra aparência, que não dialoga com sua negritude. As sociedades latino-americanas compartilham, em muitos aspectos, fragilidades relacionadas às questões étnico-raciais, socioeconômicas, pois ainda coexistem com uma ordem colonial em seus saberes e instituições. Sendo assim, o filme analisado nos revela parte de uma realidade que contribui fortemente para problematizarmos as opressões vividas pelas crianças no processo de educação de seus corpos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- ALMEIDA, Silvio L. de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BOURDIEU. Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da dominação racial relativas ao gênero. *Estudos Feministas*, University of California: Los Angeles, ano 10, 2002.
- DIAS, Lucimar Rosa. Cabelos crespos, gênero e raça: práticas pedagógicas de combate ao racismo na educação infantil. In: CARVALHO, Marília Pinto de; PINTO, Regina Pahim (org.). *Mulheres e desigualdades de gênero*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 191-208.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução Sthefanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- MACHADO, Pereira Sátira. Mídia, infância e negritude: cidadania de afrodescendentes no Brasil. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (org.). *Coleção mídia e racismo*. Brasília: ABPN, 2012. (Negras e Negros: Pesquisa e Debates).
- MAUSS, Marcell. *Sociologia e antropologia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2007.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- PELO Malo. Roteiro e Direção de Mariana Rondón. Venezuela: Hanfgarn & Ufer Film und TV Produktion, 2014. 93 min. son., color.
- STAM, Robert; SHOHAT, Ella. *Estereótipo, realismo e luta por representação e etnicidades em relação*. São Paulo: Cosac e Naify, 2006.
- TEIXEIRA, M. de P.; BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoê. Além do preconceito de marca e de origem: a motivação política como critério emergente para classificação racial. In: PETRUCCELLI, José Luís; SABOIA, Ana Lucia (org.). *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 99-121. (Série Estudos e Análises – Informação Demográfica e Socioeconômica, 2).

Recebido 30/07/2020

Aprovado em 15/08/2020